

O(S) SENTIDO(S) DA DIFERENÇA PRESENTE/AUSENTE NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGO: ESTUDOS EXPLORATÓRIOS¹

CARMEN LÚCIA DE OLIVEIRA CABRAL

Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professora da Universidade Federal do Piauí. Participa do Núcleo de Pesquisa sobre Formação e Profissionalização em Pedagogia – NUPPED. carmen.cabral@pq.cnpq.br

MARIA TERESA ÉGLER MANTOAN

Doutora em Educação, Professora da Universidade Estadual de Campinas (SP). Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Participa do Laboratório De Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferenças – LEPED e Grupo de Políticas Públicas, Educação e Inclusão Social – GPPEIS. tmantuan@unicamp.br

Resumo

Este artigo discute, por meio de um estudo de natureza qualitativa com perspectiva analítica, como os docentes e discentes de um curso de formação de professores entendem a diferença das pessoas e quais os reflexos desse entendimento nas propostas e nas práticas acadêmicas referentes a essa formação. Os sujeitos da pesquisa concentravam-se no 7º e no 8º blocos do curso, nos quais se presumia que o discurso pedagógico propagado na formação já teria sido assimilado com certo nível de consciência e crítica. Verificou-se por meio da análise das entrevistas realizadas o predomínio do sentido da diferença “entre” nas respostas obtidas. Esse sentido corresponde a um dos entendimentos da diferença, citados por Nicholas Burbules (1997), autor que é a referência teórica maior deste estudo. Essa concepção de diferença nada acrescenta ao que já se conhece e faz retroceder a compreensão da inclusão escolar, como proposta de uma escola para todos, sem quaisquer discriminações. Os futuros professores perdem a oportunidade de aprender, na formação inicial, o significado da diferença que está na base de uma escola que acolhe indistintamente todos os alunos e de conhecer práticas pedagógicas alinhadas aos preceitos inclusivos de educação.

Palavras-chaves: formação inicial de professor. Diferença das pessoas. Inclusão escolar.

O(S) SENTIDO(S) DA DIFERENÇA PRESENTE/AUSENTE NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGO: ESTUDOS EXPLORATÓRIOS

Résumé

Cet article présente une étude qualitative/analytique sur le (s) sens (s) de la différence élaboré (s) par des professeurs et des élèves d'un cours de formation en Pédagogie a propos de la différence et sur des propositions et des pratiques inclusives y étudiées. Les sujets de la recherche appartiennent aux 7^{ème} et 8^{ème} blocs du baccalauréat en éducation de l'Université Fédérale de Piauí/ BR. Cet étude a été fondé dans d'autres auteurs tels que Burbules (1997), Bhabha (2010), Deleuze (2008, 2009, 2010), Derrida (1972, 1975, 2011) et Lyotard (1999). Nous en déduisons que les futurs enseignants perdent l'opportunité d'apprendre dans leur formation initiale le sens de la différence qui est dans le axis de la conception de l'inclusion et, en conséquence, n'arrivent pas à comprendre cet innovation dans les salles de classe.

Mots-clés: Formation initiale des enseignants. Différence. Inclusion.

Introdução

¹Este artigo apresenta de forma sucinta os resultados de estudos realizados no Estágio Pós-Doutoral financiado pela Capes, através do Procad n. 01/2007.

Pesquisar como as propostas e as práticas de formação de professor significam a diferença levanta um conjunto de situações-problema vivenciadas nas diversas modalidades da educação formal. Nas instituições formadoras, é comum encontramos o foco em aspectos pontuais do corpo humano ou em traços e marcas dos contextos culturais. Uma discussão mais aprofundada que contemple uma compreensão ontológica, que enxergue a pessoa em seu modo de ser singular e diverso se faz aí pouco presente. Isso se reflete na prática dos profissionais da educação que, ao se depararem com as mais diversas condições e situações de ser dos alunos, demonstram não ter competências e habilidades para conduzir o trabalho pedagógico em seus momentos de planejamento e na condução dos processos de ensino e de aprendizagem. O professor que recebeu uma formação mais tradicional é orientado a ver os seus alunos como um grupo homogêneo, sem se deter na singularidade de cada um. Imerso em uma trajetória formativa que ignora a diferença quase como um princípio pedagógico, esse professor passa a ter uma visão de escola uniformizada, modelada, segundo padrões previamente estabelecidos.

Em um estudo sobre as maneiras pelas quais as pessoas se relacionam umas com as outras nos espaços escolares, Garcia (2007), refletindo sobre o sentido da diferença, argumenta que ela é vista segundo uma formalização que agrupa tipos diversos de pessoas em relação à “normalidade reguladora” de aceitação ou negação social, requerendo do professor atitudes éticas para um educar ético. Nessa perspectiva, as diferenças são vistas pelo autor podem ser vistas:

[...] **seja de uma forma social**, os despossuídos de bens (bens que um sentido distributivo prévio deveria suprir), os sem acesso aos meios de produção (acesso que uma sociedade que conjugasse diferença com igualdade deveria efetuar), o pobre, enfim; **seja sob a forma de gênero**, a mulher (coisificada pelo hedonismo cultural, vítima da violência não consensual da Lei, ela mesma vítima de si, centrada na essência fálica da virilidade), o gay (sem estatuto legal, personagem forçado do enredo cotidiano do chiste e da generalização) e o transgressor (catalogado pela medicina de Estado, encerrado o no seu pequeno sujo segredo, mantido secreto de si, incapaz de uma tradução feliz e pacífica da fantasia na vida); e **mesmo a forma do corpo**, os com necessidades especiais (esquecidos pelas políticas educacionais, pelos currículos e pela escola), o obeso e o anorético (sinalizados pela marca do menos valor), o anão, o feio (descartados nas seleções, esquecidos numa solidão marginalizante e involuntária), o doente crônico (alienado na sua estranha oscilação entre a morte e vida). (GARCIA, 2007, p. 15, grifo nosso).

Por esses indicativos formais, a diferença está localizada no exterior das pessoas, situada em condições acidentais. Para além dessas expressividades formais, a diferença envolve o imaginário; as manifestações do corpo; as codificações estéticas do olhar, do sentir, do pensar e do interagir, demarcando posições de submissão, de poder e de alheamento de si, do outro e das situações vivenciadas ou possíveis de ser vivenciadas.

Garcia (2007, p. 17), em consideração às distintas formas com que experienciamos a diferença nos espaços educativos, que deve se situar para além do instituído nos campos do pensamento e da política, observa que:

Um pensar a diferença [...] leva-nos a reconceitualizar certos termos [...] aprisionados pela ordem orgânica de uma *doxa* unificadora e molar que funda a instituição escolar: lógica, pedagogia, diferença, repetição, política currículo, saber, conhecimento, matéria, sujeito, educador, multiplicidade, pluralidade. [...]. Todos estes termos, postos em movimento, numa cadeia de nomes que não cessam de se modificar [...] (contrapostos de forma suplementar, não dialética, aos sentidos molares, viciados e absolutos que adquiriram).

O que entendemos como diferença entre as pessoas nos ambientes humanos extrapola a questão da aparência, da oralidade e das imposições sociais. Como enfatiza Deleuze (2009, p. 16) “queremos pensar a diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo”. Para além dos traços fisionômicos, culturais, socioeconômicos, corporais, passionais entre outros, que tornam as pessoas diferentes, aparentemente delineados de forma natural, damos à diferença uma condição constitutiva do modo de ser humano, uma condição ontológica que expressa o ser naquilo que lhe é inerente.

Essa condição define aproximações ou distanciamentos do outro, devido a um olhar estático, a um entendimento imediatista, preso a modelos com os quais percebemos o outro e a nós mesmos. A partir dessas impressões, delineamos uma compreensão sistemática do sentido de diferença presente nos discursos formativos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, partindo da questão: que sentido os docentes e os discentes atribuem à diferença, considerando que o discurso de inclusão veiculado na sociedade em geral e, mais especificamente, nos espaços educativos, propõe a desmarginalização de todas as pessoas?

Para entender como as pessoas significam a diferença, elaboramos um projeto, cujo objetivo geral era: investigar o(s) sentido(s) da diferença elaborado(s) e reelaborado(s) pelos docentes e pelos discentes em formação inicial de professores, e as consequentes repercussões desse olhar no entendimento da inclusão proposta nos discursos e nas práticas vivenciadas em um Curso de Pedagogia. Como objetivos específicos, demarcamos: discutir o(s) sentido(s) historicamente dado(s) à diferença; identificar os sentidos da diferença nos discursos sobre inclusão veiculados no Curso de Pedagogia; explicitar os sentidos dados à diferença pelos discentes em formação inicial de professor e pelos docentes do Curso de Pedagogia.

Por esse norteamto, elencamos outras questões menores que sustentaram a investigação e visaram expor com detalhes a problemática da diferença como uma realidade presente nos ambientes educativos, mais especificamente, no curso de Pedagogia da UFPI: de que maneira a diferença é trabalhada no discurso pedagógico do curso? Como se caracteriza o discurso de inclusão propagado no curso? O discurso de inclusão propalado no curso se centra na questão da diversidade, da igualdade e/ou da diferença? Qual o sentido da diferença que se faz presente nas salas de aula do curso? O sentido da diferença presente no discurso de inclusão do curso foca a diferença como algo “*entre*” os seres humanos ou algo intrínseco a eles? Que sentido da diferença os docentes e os discentes elaboram a partir do discurso formativo vivenciado no curso?

Esses questionamentos configuraram a perspectiva da discussão, objeto deste estudo, que se centra no(s) sentido(s) com que a diferença se faz presente nos discursos de inclusão propalados na prática educativa dos docentes e dos discentes em formação inicial de professor no curso de Pedagogia, considerando os diversos focos discutidos por autores como Bhabha (2010), Deleuze (2010, 2009, 1998), Derrida (1972, 1975, 2011), Lyotard (1999), Santos (1999, 2010), Silva (2002).

Metodologia

A partir das falas dos docentes e discentes do curso de Pedagogia buscamos entender como eles significam a diferença e as consequentes implicações desse entendimento na realidade em que vivem e atuam. Isso porque, de acordo como a diferença é percebida, podem ocorrer limitações – quando não entraves – nas mudanças de atitudes e de posturas dos educadores, e a inclusão pode não acontecer de modo satisfatório e

abrangente no trabalho pedagógico, envolvendo a comunidade escolar, a escola e o ambiente sociocultural em que se sedia.

Com essa intenção, optamos por um estudo qualitativo descritivo. Segundo Lankshear e Knobel (2008), essa é a maneira mais apropriada de conhecer a realidade estudada, pois possibilita abarcar os diversos fatores que a constituem, em suas diversas possibilidades de acontecimento.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da UFPI, a matriz disciplinar se organiza em 09 blocos, com uma carga horária de 3.200 h, e uma duração mínima de 04 anos e 06 meses. Para realizar o nosso estudo, entramos em contato com os discentes em formação inicial de Pedagogia que cursavam o 7º e 8º blocos, nos três turnos. Segundo dados da Coordenação do curso, no segundo semestre letivo de 2012, estavam matriculados nos blocos indicados 212 (duzentos e doze) alunos, com frequência confirmada de 197 (cento e noventa e sete) deles.

Diante da estruturação oferecida pelo curso, escolhemos para o estudo essa faixa escolar pois esperávamos que os discentes selecionados apresentassem um nível de formação e de maturidade intelectual para elaborar/sistematizar com consistência e autonomia conceitos de realidade, de ser humano, de sociedade, de educação, entre outros. Ancorados nos referenciais teóricos estudados e discutidos até então na sua formação acadêmica, eles teriam mais condições de fazer as suas escolhas e de se posicionar com mais autonomia nas entrevistas.

Para a utilização dos procedimentos narrativos e de análise dos relatos dos sujeitos da pesquisa, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, escolhemos trabalhar com uma amostragem considerada razoável de 19% (dezenove por cento), o que totaliza, aproximadamente, 38 (trinta e oito) discentes, que se dispuseram participar, voluntariamente, movidos por seus interesses a respeito do assunto.

Desses 38 (trinta e oito) interlocutores da pesquisa, somente quatro eram do gênero masculino. Dentre os alunos, 30 (trinta) tiveram formação básica realizada em escola pública. A maioria provinha da zona urbana, sendo apenas cinco, da zona rural. Predominava a faixa etária entre 24 a 29 anos, seguida da faixa entre 18 a 23 anos, o que demonstra uma população jovem.

Um traço significativo que expressa desempenho desse conjunto de sujeitos é a participação de todos nas Atividades Acadêmicas Complementares, o que demonstra um

interesse em estudos e em pesquisas para além das disciplinas básicas do curso. Considerando as quatro dimensões – ensino, pesquisa, extensão e eventos – somando os dois blocos e com base na presença repetitiva dos alunos, as informações apontavam que a participação dos alunos se concentrava na Monitoria, no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), no trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e nos eventos acadêmicos locais.

Com exceção das Monitorias, que necessariamente se fixam nas disciplinas do curso, é interessante observar que as discussões dos estudos, as pesquisas e as produções acadêmicas focaram problemáticas sociais mais amplas que as habitualmente tidas como do campo da educação, entre as quais citamos: os brasileiros afro-descendentes, o corpo, a juventude, o gênero, a inclusão. Entretanto, houve também aquelas pertinentes ao âmbito da educação escolar, tais como os problemas de aprendizagem, as dificuldades de leituras e escrita, a postura do professor, a participação da família na escola e outras.

Em relação aos docentes, articulamos a participação de 19 (dezenove) deles, considerando que ministraram alguma disciplina para esse conjunto de alunos. Inicialmente foi lhes solicitado para responder a um questionário a fim de que pudéssemos levantar o perfil de cada um. A seguir realizamos uma entrevista que nos forneceu informações sobre cada um entende a diferença das pessoas e como o sentido da diferença que eles concebem se faz presente nas práticas de inclusão no curso e, de forma mais ampla, na sociedade.

De acordo com as informações obtidas por meio do questionário de perfil, foi possível constatar que a formação dos docentes na graduação é diversificada. Eles têm formação em Pedagogia, Ciências Sociais, Filosofia e Psicologia. Dentre eles, quatro cursaram duas graduações: Pedagogia e Ciências Econômicas, Pedagogia e História, Pedagogia e Serviço Social e Pedagogia e Filosofia. Dos 19 (dezenove) docentes, dois são pós-doutores; nove doutores; três estão cursando o doutorado e cinco têm Mestrado. Quanto à participação na graduação e na pós-graduação, encontramos nove como docentes permanentes do Programa de Pós-Graduação em Educação. A Educação é a área dominante dos doutorados, sendo que dois são doutores – um na área da Filosofia e o outro, na de Psicologia.

A partir dos relatos dos sujeitos (docentes e discentes) elaboramos uma síntese interpretativa, com o objetivo de entender como esses sujeitos dão sentido à diferença e como esta se articula ao discurso pedagógico de inclusão.

Utilizamos para a análise dos dados os descritores performáticos propostos por Nicholas Burbules (1997), que agrupam os sentidos dados à diferença a partir dos termos “entre”, “para além”, “dentro” e “contra”, caracterizando-os com as aportes teóricos de: Boaventura de Sousa Santos, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard.

Além dos descritores mencionados anteriormente, observamos, também, como parâmetro interpretativo dos relatos dos interlocutores, oito dos 14 (catorze) aforismos propostos por Silva (2002, p. 1-2), em seu texto: “Identidade e Diferença: impertinências”, em que enfatiza o sentido da diferença presente na filosofia da diferença de Gilles Deleuze. Os oito aforismos selecionados concentram o enunciado na diferença, apontando marcas e registros que a expressam em sua especificidade, dinamicidade e possibilidade de singularização. São eles:

- A diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade.
- A multiplicidade não tem nada a ver com a variedade ou com a diversidade. A multiplicidade é a capacidade que a diferença tem de (se) multiplicar.
- A diferença não é uma relação entre o um e o outro. Ela é simplesmente um devir-outro.
- A questão não consiste em reconhecer a multiplicidade, mas em ligar-se com ela, em fazer conexões, composições com ela.
- A diferença é mais da ordem da anomalia que da anormalidade: mais do que um desvio da norma, a diferença é um movimento sem lei.
- Quando falamos de diferença, não estamos perguntando sobre uma relação entre x e y, mas, antes, sobre como x devém outra coisa.
- A diferença não pede tolerância, respeito ou boa-vontade. A diferença, desrespeitosamente, simplesmente difere.
- A diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y.

Ao discutir a diferença, Burbules a expõe diante de uma multiplicidade de ângulos, que podem sinalizar de que maneira os sujeitos da pesquisa a elaboram e, a partir daí, a consideram um elemento motivador ou desmotivador das relações de ensino e de aprendizagens.

Observamos que os recortes feitos dos relatos contidos nas entrevistas, mesmo não exaurindo todas as possibilidades, expressaram os aspectos mais significativos sobre o entendimento da diferença das pessoas e sobre os discursos e práticas de inclusão no

ambiente do curso de Pedagogia. Os trechos selecionados, que serão apresentados neste artigo, focam também os conceitos de diversidade, igualdade e multiplicidade por considerar que contribuem para esclarecer o sentido dado à diferença e como ela é vivenciada pelos interlocutores em suas interações sociais no curso e em ambientes sociais mais amplos.

Os sentidos da diferença: discutindo posições

Na discussão dos descritores propostos, que situam a diferença em diversas posições e geram diferentes sentidos, Burbules (1997) refere que os modos mais tradicionais, hegemônicos e comuns de se fazer menção à diferença focam os aspectos mais externos das relações “entre pessoas”, “entre cultura”, “entre saberes”, “entre raças”, ou seja, focam relações que não afetam o ser das pessoas, mas sim as diferenciam ao não levar em conta a identidade de cada um. Para o autor, esse modo de entender a diferença não capta nem expressa a especificidade de cada um, sendo apenas um elemento constitutivo dos diversos modos de ser pessoa. Esses sentidos se reduzem à diversidade de modos de ser, de acontecer e de a pessoa ser percebida.

O autor sugere que as posições “para além”, “dentro” e “contra” oferecem sentidos, intuições e juízos diferentes de se compreender a diferença, pois possibilitam uma visibilidade analítica e interpretativa interna, constituída nas relações e inter-relações humanas, que acontecem nos ambientes educativos formais e não formais. Esses descritores facilitam as discussões sobre a compreensão da diferença, diante de posicionamentos outros, próprios de certas posições do multiculturalismo; das políticas de bem-estar; da tolerância liberal; do pluralismo.

Ao pensarmos a diferença com a intenção de delinear o que ela é em si mesma, questionamos o que a constitui como tal. Ela é absoluta ou relativa? Outras questões também cabem para melhor entendê-la, tais como: só percebemos a diferença em confronto com algo ou ela seria algo que acontece em si mesma? Seria possível extingui-la, ou ela seria intrínseca ao acontecimento e às pessoas? Além desses aspectos ainda podemos questionar se a diferença seria materializável, com uma configuração definida, sólida ou ela seria insólida, sem forma, moldável conforme as circunstâncias?

Com a intenção de abstrair o(s) sentido(s) da diferença em uma perspectiva essencialista, imprimindo-lhe as propriedades de maleabilidade, de versatilidade, não

solidez, de plasticidade em seu modo de ser e expor-se, encontramos entre os autores que tratam do assunto aqueles que estudam a diferença, dotando-a de diversas configurações, conforme seus planos teóricos de análise. Nesses estudos há pensamentos inaugurais, inéditos, com abordagens no âmbito filosófico, linguístico, político, sociológico, artístico, antropológico entre outros, que propõem, de forma diferenciada, derivações do termo diferença, como: o “diferendo” em Jean-François Lyotard, a “diferença” em Jacques Derrida, e a “diferenç(i)a(ção)” em Gilles Deleuze.

Na perspectiva do “diferendo”, apresentada por Lyotard (1999), a diferença acontece nos encontros entre as pessoas, no confronto de valores, de regras; na condução do discurso, nas falas, nos encontros entre as pessoas, Por exemplo, quando em uma conversação é utilizado um argumento, esse envolve, necessariamente, um conjunto de referenciais cognoscíveis, axiológicos, políticos, históricos, que definem a posição dos participantes fazendo com que não exista um consenso, mas sim, que cause sempre estranheza.

Para Burbules (1997, p. 8), ”essa idéia da diferença como excesso, como algo intrinsecamente além de um modo particular de pensar ou falar, é, em certo sentido, uma dimensão presente em todos os encontros sociais [...]” Isso porque nas relações humanas não há um pacto de harmonia, com a anulação da posição de um ou mais participantes de um encontro. Todos se expressam mesmo havendo conflito, em razão de não serem indiferentes à presença do outro.

O descritivo “dentro”, para o mesmo autor, se aproxima das noções de “diferença” e de “diferenç(i)a(ção)” discutidas por Derrida e Deleuze, respectivamente. Esse descritivo expressa a condição de indefinição do que é o ser em si mesmo. Esse modo de entender a diferença a torna geradora de significações em movimento, produzindo novas possibilidades de sentido no constante surgimento de novas diferenças. A diferença “dentro”, aproxima-se da “diferenç(i)ação”, termo ou temática que descreve a condição de multiplicidade com que a “diferença” se expressa constantemente, fazendo da pessoa um ser mutante, que não é, mas devém. Esse modo de concebermos a diferença, como movimento gerador de significação do acontecimento, que sempre se diferencia, é tido por Deleuze (ALLIEZ, 1996, p. 47) como um entrelaçamento entre o virtual e o atual, contrastando com o discurso e conceito de identidade, enquanto uma referência de constância, permanência do ser. Tal sentido da diferença é também discutido por Silva

(2002, p. 1-2), ao sistematizar as 14 “impertinências” em que confronta o conceito de diferença com o conceito de identidade, entre elas:

[...]

4. A identidade é predicativa, propositiva: X é isso. A diferença é experimental: o que fazer com X.

5. A identidade é da ordem da representação e da reconhecimento: x representa y, x é y. A diferença é da ordem da proliferação; ela repete, ela replica: x e y e z...

[...]

11. A identidade tem negócios com o artigo definido: o, a. A diferença, em troca, está amasiada com o artigo indefinido: um, uma.

[...]

13. A identidade joga pelas pontas; a diferença, pelo meio.

14. A identidade é. A diferença devém.

Ao tratar dos processos de exclusão e desigualdade dissimulados nas sociedades capitalistas, Boaventura de Sousa Santos (1999, 2010) elabora uma análise dos mecanismos de controle e regulação social, situando-os como sendo de natureza socioeconômica e cultural. O autor afirma que o princípio de negação das diferenças provém de uma orientação das práticas homogeneizadoras dos estilos culturais, políticos, educacionais, produtivos e de consumo, presente nas sociedades capitalistas.

Alguns autores, embasados nas diferentes maneiras de significar a diferença, utilizam essas configurações para sustentar estrategicamente, os estudos políticos e educacionais, explorando as dimensões antropológicas, culturais, comportamentais, corporais, étnicas, raciais, sexuais, de gêneros entre outras.

De uma forma materializada, vivemos a diferença nas manifestações de potência e/ou impotência de agirmos e sermos uma pessoa com possibilidades dentro dos contextos socioculturais e políticos instituídos na sociedade, o que nos expõe a coabitação e/ou a convivência com o outro. Situação que confirma positiva ou negativamente as singularidades de cada um, às vezes, uma manifestação sutil de personalidade, de humor, de conceitos, valores; outras vezes, expostas nas condições físicas especiais, psicológicas ou materiais de existências. Em qualquer dessas condições, os preconceitos, as

discriminações e as intolerâncias à diferença podem criar dificuldades de realização pessoal, até mesmo inibir as possibilidades.

As políticas culturais, que vêm se instituindo historicamente, resultantes das intervenções neoliberais e globalizantes, regulam as manifestações sociais, impondo uma racionalidade técnico-científica em detrimento dos próprios princípios democráticos de participação popular, com uma linguagem codificada, diferenciada da experiência local e existencial das pessoas. Distanciam-se de uma pedagogia crítica, que entende a diferença e as possibilidades de ser das pessoas como fim, dentro de uma perspectiva de multiplicidade performática, que caracteriza a condição humana.

Os sentidos da diferença e da inclusão nos espaços educativos: o que dizem os docentes e os discentes no processo de formação de professor

A sala de aula é um ambiente mesclado de fatores diversos, aparentemente harmoniosos. Nela experienciamos a elaboração e a reelaboração do sentido de diferença de pessoas com uma tendência maior para o descritor diferença “entre”. É comum uma compreensão da diferença como uma “fuga a um padrão” definido socialmente, em que todos devem seguir um modelo e se identificar com um determinado contexto sociocultural, visto como normal, bom, correto, legitimado.

Esse sentido dado à diferença pode ser observado nos relatos dos seguintes interlocutores:

O que foge do padrão, porque a gente sabe que a sociedade cria um padrão, para tudo tem padrão. Para cor tem um padrão, para o comportamento tem um padrão. (Lira)

Diferença é o que foge do que é o padrão da sociedade. (Paty)

É um termo muito complexo. Diferença algo que foge ao padrão, ou eu estaria trabalhando no termo bem tradicional, não sei. Acho o que me veio à memória foi isso, que foge do padrão [...]. (Turquesa)

Bom, eu chamaria de diferença tanto em gênero como em cor, como na questão da raça. Eu posso dizer [...] ser diferente do padrão [...]. (Pequeno)

A diferença para mim é algo assim, uma pessoa que não se enquadra no padrão que é determinado pela sociedade. Bom, eu acho que é a questão de comportamentos, de deficiência física. Eu acho que é isso. (Drica)

Eu acho que diferença são pessoas que fogem do padrão, digamos assim, da sociedade, padrão que é colocado, pessoas ditas normais que não sofrem ou sem nenhum tipo de deficiência e diferença. (Joaquim)

Diferença, eu acredito que seja quando a gente fala de diferença como algo que foge do padrão [...]. (Liana Lima)

O que foge ao padrão, ao modelo. O modelo estabelecido pela sociedade. O padrão é o desejado, o ideal. (Val)

[...] eu chamaria de diferença acredito que é aquilo que esta fora do padrão porque a sociedade tem um padrão de beleza tem um padrão de pessoas normal, tem um padrão de cor normal, que cor de pele [...]. (Lana)

A diferença é tudo aquilo que foge do padrão, tudo que causa estranheza, tudo que de alguma forma foge do olhar, que me faz pensar: a diferença é aquilo que é estranho para mim, que é diferente da regra padrão, que é diferente do padrão. (Dri)

Nesses posicionamentos estão refletidos os conflitos e as complicações originados e experienciados na sociedade, referentes à condição humana em sua multiplicidade de aspectos e situações nos quais a diferença se expõe.

Nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa se fizeram presentes, com ênfase, as diferenças “entre” pessoas, os traços exteriorizados e fixos tomados como definidores de modos de ser, das aparências que distinguem as pessoas. As argumentações enunciadas evidenciaram a fuga do padrão, o critério de hierarquia. A diferença é situada como um fator constitutivo da diversidade.

Entre os relatos dos discentes e docentes entrevistados sobressairam aqueles que expressam o sentido da diversidade, da diferença e da igualdade, aproximando-se do descritor que considera a diferença como um fator de confronto, de luta “contra” às imposições políticas, culturais e econômicas. Primeiro, na perspectiva dos estudos de Santos (1999), ao discutir as questões de desigualdade/exclusão e identidade/inclusão na sociedade capitalista; em seguida, na perspectiva de Bhabha (2010) na discussão do hibridismo cultural, ao focar a assimilação dos traços e das marcas dos modos de ser de culturas imperialistas por culturas em posições de defesa e resistência desfavoráveis nos momentos de encontros, que resultam no deslocamento hierárquico da mais vulnerável.

Venho tentando em sala de aula problematizar um pouco essa questão [da diferença, da diversidade e da inclusão], demonstrar o que está no discurso acerca da diferença e acerca da inclusão. Mostrar também que estas questões geram algumas incompreensões, como aquela historia de querer transformar os diferentes em iguais, achando que isso é incluir e isso na verdade é negar a própria diferença do outro ou negar o próprio outro como diferente, [...]. É certo que a lógica que passa por traz da inclusão é no fundo a negação da diferença, é aquela coisa que você precisa ser incluído e para você ser incluído você tem que se tornar igual. (Baiano)

Há tendência, por exemplo, de juntar diversidade e diferente, que tem múltiplas culturas, é essa diversidade de culturas e de encontro entre as culturas é a mesma coisa, mas há também tendências que a diferenciam. Acho que a diversidade não é

tão política no sentido de promover encontro entre as culturas. Na verdade a diversidade, ela se configura com a pluralidade de culturas, acabam se encontrando. Então, a diversidade que eu estou pensando ela se diferencia da diferença nesse tipo porque a diversidade acaba, assim, uma proposta de respeito às culturas, mas não é carente de encontro entre as culturas, no sentido de misturar as culturas. [...] Isso para mim é uma tendência, uma maneira de pensar a diversidade, essa multicultural, esse multiculturalismo. Há uma troca entre elas muito conflituosa e muita negação do outro que é sempre menor no sentido de menos preparado. Já a diferença que eu venho estudando há algum tempo, o que se configura muito mais difícil o entendimento com os preconceitos, que pressuponha essa mistura. Então, por exemplo, o hibridismo, o hibridismo das línguas, o hibridismo das frases uma mistura que vai gerar, por exemplo, os comportamentos ou inclusive outras formas de eficiências [...], por exemplo, da diferença poder existir e de não ser ruim ser diferente e a possibilidade de encontro entre as pessoas. Isso não significa igualdade, ao contrário, significa a possibilidade da diferença existir e da possibilidade que eu tenho de criar, de criação e não só de reflexão das coisas. (Marieta)

No espaço acadêmico, em sala de aula e em momentos e espaços outros, é a diferença que distingue as pessoas, que gera empatias e antipatias, aproximações e distanciamentos, tanto entre os discentes quanto entre os docentes e discentes. Ela pode ser responsável pelas relações de coleguismo, de competitividade e de aprendizagens, que fazem surgir, em graus diversos, a aceitação e a rejeição da diversidade tipológica, como as culturais, as emocionais, as cognitivas, as afetivas, as corporais entre outras, bem como as múltiplas possibilidades de ser que cada um expõe.

Na perspectiva da diferença e da diversidade interferindo nas relações e interações humanas, em especial as que caracterizamos como educativas, os sujeitos da pesquisa expuseram nos depoimentos que seguem: questionamentos, denúncias e sugestões de como promover a inclusão nos espaços educativos.

Uma palestra sobre inclusão colocava a questão dos meninos de rua serem vulneráveis, a escola os aceitavam por obediência à lei, não por estar preparada para a inclusão. Outros tópicos vistos em sala de aula referentes à inclusão foram: a criança surda, a criança com deficiência visual e da própria criança de rua, das crianças drogadas, dos pais que estão presos. Para que haja inclusão não basta estar num local tido como diferente, é preciso ter todo um trabalho voltado para que aquela pessoa se sinta realmente parte daquele contexto [...]. Falta muito para as práticas de inclusão se efetivarem na formação. Nada é visto com profundidade, são discussões em sala de aula baseadas em textos ou relatos de experiências, não se vivencia a inclusão. (Marlene)

Em relação à inclusão participei de discussões sobre questões da homossexualidade, questões do negro, de pessoas com deficiência física, destacando as temáticas de acessibilidade do deficiente físico e a política de cotas direcionadas para os afrodescendentes. Para mim, a inclusão é todo mundo igual em relação aos direitos, você

não deixa de ter os mesmos direitos que eu por ser homem, por ser hétero, por ser negro, por ser pobre. [...]. Então, eu acho que ainda é pouco, não é falha no currículo da Universidade, mas [...] a Universidade deveria estar mais atenta nesse sentido. (Maria Lua)

A inclusão no ambiente escolar ainda está superficial, as pessoas especiais ficam soltas, sem apresentar nenhum desenvolvimento. Considero que para incluir é necessário reconhecer as limitações da pessoa, [...] buscar melhoras para aquela deficiência, é ter uma estrutura física uma estrutura pedagógica, é ter todo um aparato que desenvolva fisicamente aquela condição especial. Há muito preconceito, tanto em relação às pessoas especiais, quanto aos homossexuais e às pessoas negras, situação que é trabalhada pelos professores, enfatizando o respeito às diferenças. [...], considerando que [...] a diferença deve ser trabalhada não como um problema em sala de aula, mas, por exemplo, o diferente deve ser tratado como igual. Você tem que saber respeitar, saber direcionar, se relacionar com o diferente e não excluir ou taxar ou fingir que aquela diferença não existe, porque realmente não existe ninguém igual. (Mari)

A inclusão como é respeito às formas de ser do outro, que envolve as pessoas com dificuldades de aprendizagens, como a Síndrome de Down, pessoas autistas, crianças com paralisia cerebral, cadeirantes. A igualdade o elemento condutor das práticas de inclusão com a perspectiva de proporcionar um bem estar às pessoas, mas a diferença deve ser respeitada. (Maria Maria)

Em relação à inclusão, após participação em fóruns que discutiam a inclusão dos surdos em sala de aula, acho que há muito discurso, mas as ações efetivas são poucas. Penso que a inclusão é buscar, é chegar a um ponto de neutralidade, buscar o espaço que seja neutro e amplo suficiente para receber todo e qualquer problema diverso. [...]. Incluir é tentar dar condições suficientes para integrar as pessoas independentes de suas dificuldades, de sua pluralidade, da sua diversidade dentro de um mesmo espaço, respeitando a todos da mesma maneira. [...]. (Ametista)

Particpei de discussões em sala de aula que abordavam a diferença e a questão da inclusão, fiz pesquisa nas escolas [...] para perceber se realmente havia essa inclusão, se a permanência do aluno é inclusão, se o aluno que está em sala de aula, ele está incluído. Considero que a acessibilidade física, de espaço não é suficiente, que precisa também de adaptações pedagógicas, mudança no sistema de qualificação do professor e fornecimento de subsídios materiais de várias formas para a promoção da inclusão, [...]. A inclusão nessas circunstâncias ocorreria pela aceitação do outro, não apresentando atitudes de preconceito ou sentimento de pena, procurando poupar a pessoa. (Joana)

As práticas de inclusão se norteiam pelas identidades aceitas socialmente, visto que, todo mundo olha ávido o outro, todo mundo usa o outro como um referencial. A igualdade é o elemento norteador da inclusão, para a aceitação. [...]. Situando as práticas de inclusão para além do espaço escolar, que buscam a igualdade. Em relação à deficiência física, há a intenção de favorecer a igualdade de acesso. Você tenta a igualdade na condição de viver. Não vejo a mesma aceitação e intenção quando a inclusão envolve a orientação sexual, a qual é sempre criticada como fora do padrão. Você vê que tem essa questão de homogeneizar, de tentar homogeneizar, de tentar reprimir, de tentar deixar no quadrado bem direitinho e bonitinho, mas ninguém fica dentro de uma caixa. (Lira)

Pelos relatos das entrevistadas, a inclusão é um tema presente nas discussões em sala de aula no curso de Pedagogia, destacando a situação das pessoas com alguma deficiência física, mental; dos afrodescendentes; dos homoafetivos; dos meninos de rua, entre outros. As práticas de inclusão para os sujeitos da pesquisa devem se nortear pelo

princípio de igualdade: tratar a todos como iguais em relação aos direitos, fazer com que se sintam bem, inseridos no ambiente. Os entrevistados argumentam que o curso não lhes oferece uma formação sólida, que os façam sentir seguros para experienciar a inclusão, principalmente quando se trata de pessoas com alguma deficiência. Defendem a necessidade de que seja feito um acompanhamento efetivo dessas pessoas e de que é preciso conhecê-las melhor, para que haja de fato a inclusão, caracterizada como aceitação, respeito ao outro, sentimento de pertencer ao ambiente.

Entre os depoimentos destacam-se os que focam a inclusão como uma atitude de integração de todas as pessoas, independente da sua condição de cada um. Há ainda os que expressam a inclusão como uma ação estendida a todas as pessoas, desde que se preservem as diferenças.

Retomando aos descritores de Burbules (1997), percebemos, pelas falas das entrevistadas, que o sentido de diferença está no que acontece “entre” as pessoas, ressaltando o surgimento de situações conflitantes de rejeição, negação, *bullying*, entre outras manifestações de desrespeito, de discriminação.

Conclusões

O(s) sentido(s) da diferença elaborado pelos docentes e discentes em formação inicial de professor e sua articulação ao discurso de inclusão veiculado no Curso de Pedagogia, extraídos dos sujeitos entrevistados e confrontados com o discurso dos teóricos que pensam a diferença, oportunizam o conhecimento de uma realidade repleta de situações, de acontecimentos que definem rastros e marcas nos modos de ser dos entrevistados, nos seus interesses, valores e nos conceitos que elaboram a partir do plano de referências em que se situam, sejam mais elaborados ou seguindo as vivências e experiências do cotidiano.

Neste artigo apresentamos uma primeira varredura dos dados coletados, a qual representa um esforço no sentido de expor a necessidade de se conhecer como os professores estão sendo formados, de modo que compreendam e saibam como atender aos alunos, na sua singularidade e que sentido atribuem à diferença, que é o eixo de compreensão e de realização de um ensino escolar verdadeiramente inclusivo.

Não se teve aqui a pretensão de fazer uma análise mais aprofundada dos dados, pelas dificuldades de se entrelaçar todas as falas, depoimentos, afirmações com

referenciais teóricos tão complexos e exigentes. O estudo que ora sintetizamos não se reconhece como parcial, porque se completa nas suas linhas gerais e geradoras. Ele abre caminhos para tantos mais que possam ser produzidos a partir do que seus dados comportam e pela criatividade de seu autor e/ou outros pesquisadores interessados em tema tão inovador e pertinente à melhoria da qualidade do ensino no Brasil e em todo o mundo.

Isto posto, pode-se concluir pelo que foi marcante nos relatos que as suas análises, ao longo do relatório, evidenciaram que o sentido de diferença se concentra no estilo discutido no descritor “entre”, com ênfase na concepção de fuga ao padrão, aos modelos físicos, comportamentais, linguísticos, tidos como normais, corretos ou incorretos, socialmente impostos e preservados.

Por outro lado, encontramos o sentido da diferença na fala dos entrevistados, como sendo a especificidade que cada pessoa intrinsecamente possui, investidos de uma subjetividade que a torna única, mesmo que pertença a ambientes socioculturais iguais.

Outra característica presente nos sentidos dados à diferença se expressa dissolvida nas categorias que concentram as aforias de Silva (2002) em relação à diferença, à diversidade, à multiplicidade. A diferença de “entre”, que entende a diferença de forma relacional, não atinge o que Silva (2002) refere ao se articular com o conceito de diferença discutido por Deleuze (2009), o qual imprime a diferença no movimento de virtual e atual do ser, e que expressa a diferença na multiplicidade da repetição.

Os aspectos discursivos, conceituais, envolvendo o(s) sentido(s) que o termo diferença possa ter ou vir a ter destacados pelos discentes e docentes entrevistados confundem, de certa forma, a diferença com o diferente. Tal confusão, conforme os aforismos de Silva (2002), aponta para um traço definidor da identidade, descaracterizando a diferença em sua condição de mutável, de devir constante, que é própria da perspectiva deleuziana; de litígio ou “diferendo”, que está presente na posição de Lyotard; ou de sentido indefinido, defendido por Derrida. Os entrevistados concebem a diferença como um fator definidor da diversidade presente na sociedade.

Nos depoimentos dos docentes e discentes, aparece também em menor escala, o sentido de diferença como fator instigante de conflito social, político, cultural, econômico, aproximando-se do sentido dado à diferença por Bhabha (2010) e por Santos (1999, 2003).

Para Bhabha (idem) as relações sociais, o encontro entre referenciais simbólicos diferentes que constituem o modo de ser das pessoas, das nações, gera novos modos de ser,

vivenciados de forma expressiva na linguagem reelaborada e no estilo de se expor destas pessoas, confrontando com o contexto sociocultural dominante; o hibridismo deixa à mostra as práticas de exclusão, de discriminação e de dominação, que, segundo os entrevistados da pesquisa, são marcantes nas relações sociais.

Para Santos (idem), a diferença está presente nas relações sociais como uma marca pessoal, que, conforme o sentido dado no ambiente social pode ser um elemento articulador ou um elemento conflitante e questionador. Nos depoimentos dos nossos entrevistados, eles pontuam a diferença como uma característica própria do ser humano, que, ao expressar seus múltiplos modos ser, deveria ter garantida a liberdade de manifestar a sua diversidade e ter assegurada a igualdade de seus direitos (sociais, culturais, políticos, econômicos), supervisionados, juridicamente, pelo Estado.

De acordo com suas vivências e suas experiências no curso de Pedagogia, os discentes e docentes descrevem de forma anunciativa e, às vezes, denunciante, as práticas de inclusão em diversos espaços sociais e, em especial, nos espaços educativos, como a Universidade. Embora se norteiem por sentidos diferentes de inclusão, expressam um sentimento comum de insatisfação diante das políticas e das práticas de inclusão, considerando-as inadequadas, insuficientes, ineficazes, para promovê-la, tanto nos espaços escolares, como nos demais espaços sociais.

Quando enfatizam a inclusão de pessoas com deficiência, os sujeitos frisam a ausência de recursos estruturais para atender às necessidades destas pessoas nos espaços educativos, bem como a ausência de profissionais com formação para assisti-las. Ressaltam que os cursos de formação de professores, como o curso de Pedagogia estudado, não estão estruturados para oferecer uma base teórico-prática relacionada especialmente à inclusão escolar desses alunos. Mesmo quando fazem referência às questões étnicas raciais, homoafetivas e de gênero, não destacam a insuficiência da formação com a intensidade com que colocam as necessidades e condições de atendimento para se ensinar e para o aprendizado dos alunos com deficiência.

Nas questões relativas à inclusão, os entrevistados fazem referência às políticas públicas, colocando os limites e o alcance das propostas implementadas como as cotas para as pessoas afrodescentes e para os alunos oriundos da escola pública. Olham essa medida com certo ar de desconfiança e criticaram seu caráter político, nomeando-as como “políticas reparadoras de danos históricos” ou “medidas discriminatórias positivas”.

Afirmam que, embora elas procurem atingir uma igualdade de direitos, ainda há uma preocupação em preservar a diferença, pois, desse modo, provocam a diversidade, a pluralidade social.

Entre os entrevistados predominou uma visão centrada no senso comum, em situações vivenciadas na sociedade mais ampla ou no cotidiano da universidade, sem a orientação dos teóricos que pesquisam e produzem no campo de estudo da diferença e da inclusão. Esse quadro situacional demonstra uma lacuna relevante na formação inicial de professores, no curso de Pedagogia da UFPI. Evidencia a ausência dessa discussão atual de forma sistemática, como conteúdo obrigatório de toda e qualquer disciplina. Confirma, também, a necessidade de que essa problemática seja assumida por todos os campos de conhecimento, tornando-se assunto de investigação, de discussão e de produção nos diversos núcleos, a fim de que sejam discutidos, revistos e ampliados o(s) os referenciais teóricos que são necessários para que se analisem e se interpretem a inclusão e seu eixo – a diferença.

O estudo que originou este artigo, em todos os seus momentos, pautou-se pelo compromisso de olhar para as temáticas da diferença e da inclusão de forma aberta, ciente de que a diferença é, ontologicamente, a marca de ser de cada pessoa, um ser singular que se transforma e se diferencia, transformando o meio em que vive. Outros deverão seguir os caminhos desta primeira abordagem dos dados e fornecer aos interessados pelo tema conclusões e recomendações capazes de tornar a inclusão cada vez mais esclarecida e necessária para imprimir à nossa escola a qualidade de ensino que tanto almejamos para todos os alunos, indistintamente.

Referências

ALLIEZ, Éric. **Deleuze Filosofia Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

BURBULES, Nicholas C.; RICE, Suzanne. Diálogo entre as diferenças: continuando a conversação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 173-204.

_____. **A grammar of difference**: some ways of rethinking difference and diversity as educational topics. Disponível em: <http://faculty.ed.uiuc.edu/burbules/difference.html>. Acesso em: 25 jul.2011.

_____. **A gramática da diferença:** algumas maneiras de diferença e diversidade repensadas como temas educativos. (Tradução livre)

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** 2. ed. Tradução revista Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Diálogos:** Gilles Deleuze e Claire Parnet. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia.** Tradução Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães. Porto: Minui, 1972(?).

_____. **Posições:** semiologia e materialismo. Tradução de Maria Margarida Correia Calvante Barahona. Lisboa, PT: Plátano, 1975.

GARCIA, Wladimir. Teorias da diferença e a pesquisa em Educação. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 9, p. 11-24, 2007. Disponível em: www.periodicos.ufsa.br/index.php/pontodevista/article/.../18653. Acesso em: 10 nov.2012.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica:** do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LYOTARD, Jean-François. **La diferencia.** 3. reimp. Traducción Alberto L. Bixio. Barcelona: Gedisa, 1999.

SILVA, Tomaz T. Identidade e diferença: impertinências. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p.1, ago. 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **Oficina do Centro de Estudos Sociais**, Coimbra, n. 135, jan. 1999. Disponível em: www.ces.uc.pt/publicacoes/135/135.pdf. Acesso em: 29 nov.2012.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e tradução cultural em Bhabha.** Disponível em: www.osdemethodology.org.uk/texts/lynnbhabha.pdf. Acesso em: 18 nov. 2012.

Recebido em: 07.11.2014

Aceito em: 22.10.2015